

“Uma história dos subúrbios”:

a cidade de Manaus no romance Dois irmãos, de Milton Hatoum – da belle époque ao século XX

Charles Vítor Berndt¹

Este breve ensaio tem como objetivo principal discutir e refletir a respeito da representação do processo de urbanização e modernização da cidade de Manaus no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, que se inicia nos finais do século XIX, durante o chamado ciclo da borracha, e culmina com a remodelação da cidade, durante a ditadura militar brasileira, já na década de 1960.

*

Dois irmãos conta a história de uma família de origem sírio-libanesa, detentora de posses, que habita um grande casarão na cidade de Manaus. O foco do romance, como nos sugere o seu nome, recai sobre a história dos gêmeos Yaqub e Omar, filhos de Zana e Halim, ambos imigrantes vindos do Líbano. Halim e a esposa tornaram-se, logo após seu casamento, proprietários de um importante comércio em Manaus, uma espécie de armazém, onde é vendido todo tipo de coisas e quinquilharias – vasos, tapeçarias, cordas, fumos, etc.

Na casa de Halim e Zana ainda vivem Rânia, a filha mais nova do casal, Domingas, a empregada de origem indígena, criada pela família desde criança, e Nael, o neto bastardo, narrador do romance, filho de Domingas e de um dos gêmeos – não sabemos qual deles é seu pai. Dessa forma, é através da memória e das impressões de Nael que conhecemos essa história e, obviamente, são os seus olhos que nos levam a

¹Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Acadêmico do curso de Letras - Língua e Literaturas de Língua Portuguesa da UFSC. Contato: charlesatlantis@gmail.com

passar por Manaus e nos fazem perceber o modo como se dão as mudanças na paisagem e no modo de vida da capital amazonense.

Santos (2010) defende que as mudanças sociais, políticas e urbanas representadas no romance de Hatoum apontam para uma degradação da cidade de Manaus, que ocorre ao longo do tempo. Assim, devido à falta de investimento, planejamento e descaso do governo, a cidade passa a sofrer com inúmeros problemas de infraestrutura, como enchentes, moradias em lugares irregulares, miséria, etc. Além disso, Santos (2010) acredita que essa degradação da cidade de Manaus pode ser comparada à própria degradação da família de Halim e Zana, que, no fim do romance, se vê completamente destruída e destituída de posses, só restando o neto bastardo, Nael, o narrador do romance; Este, por sua vez, continua a viver como agregado nos fundos do casarão da família, que, como pagamento de uma dívida, passa a pertencer ao indiano Rochiram.

Desse modo, como já dissemos, é importante atentar para o fato de que todas as representações das mudanças ocorridas na cidade de Manaus nos são apresentadas através de Nael, que conta a história fazendo uso de sua memória – através daquilo que viu, ouviu e também daquilo que constantemente está a imaginar. Ele é o eterno agregado, que cresceu escutando as conversas de Zana e Domingas, presenciado as brigas dos gêmeos e as lamúrias de Halim, que lembrava nostalgicamente do tempo em que não tinha filhos e podia namorar sua esposa em paz. Em virtude disso, *Dois irmãos* não é uma narrativa linear e cronológica, pois a todo momento o narrador está regressando ao passado ao mesmo tempo em que fala sobre o presente, exigindo uma atenção redobrada por parte do leitor.

Em vários momentos durante o romance é possível sentir uma espécie de nostalgia com relação ao passado, aos áureos tempos da *belle époque* brasileira e do ciclo da borracha, que trouxe riqueza e euforia à região amazônica.

A expansão da região amazônica engatou com o ciclo da borracha, o qual teve como palco histórico o final do Segundo Reinado e as décadas iniciais

da implantação da República. Foi nesta época que a região amazônica se destacou ao promover uma sociedade estruturada nos ditames da modernidade (BORGES, 2010, p. 30).

Conforme salienta Borges (2010), o ciclo da borracha levou a modernidade – ou, ao menos, um sentimento de modernidade – à região amazônica. Trabalhadores de várias partes do Brasil, sobretudo nordestinos, deixaram suas terras e partiram para o norte do país, a fim de trabalhar nos seringais. Houve uma grande parcela de imigrantes vindos de outros países também, como é o caso dos sírio-libaneses, que vinham trabalhar como mascates e comerciantes. Como exemplo destes últimos, temos, no romance, o próprio Halim e o pai de Zana, Galib, que era dono de um restaurante em Manaus.

Dessa forma, o clima de euforia no norte do Brasil era grande, durante o ciclo da borracha. Havia uma crença de que a modernidade, finalmente, chegara à Amazônia. O progresso econômico de cidades como Manaus e Belém podia ser percebido pelos navios a vapor que começaram a cruzar os rios, levando borracha para o exterior e trazendo trabalhadores a todo momento. A arquitetura da região também passou a ser símbolo desse progresso, pois surgiram, inspirados em cidades e costumes europeus, edifícios e construções como o Teatro Amazonas, os cafés à moda francesa, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, o Porto flutuante, entre tantos outros. A própria cultura passou a ser influenciada por hábitos europeus. Nael, por exemplo, durante o romance, comenta sobre as senhoras amazonenses que tinham o hábito de usar chapéus franceses.

No entanto, se o ciclo da borracha levou riqueza e modernização ao Norte do Brasil, também levou exploração e desigualdade, na medida em que os donos dos seringais, os chamados coronéis da borracha, enriqueciam rapidamente, e os seus empregados, os seringueiros, viviam sob circunstâncias extremamente precárias e desumanas. Esses trabalhadores, que em sua maioria eram de origem nordestina, após o fim do ciclo da borracha, sem dinheiro para que pudessem regressar aos seus estados, acabaram por permanecer no norte do país, povoando cidades como Manaus e Belém (BORGES, 2010). Surgiram, dessa forma, populosos bairros de gente pobre e humilde,

que viviam nas chamadas palafitas, à beira do rio Negro, formando o que se chamava de “cidade flutuante”. O narrador frequentemente refere-se a um desses bairros pobres, o Educandos, chamando-o de “bairro anfíbio”, aludindo ao fato de que as pessoas viviam em casas erguidas sobre as águas do rio.

Halim havia melhorado de vida nos anos do pós-guerra. Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. (HATOUM, 2006, p. 32).

Então, podemos perceber que há uma constante comparação entre “a Manaus da *belle époque*” e “a Manaus dos anos cinquenta e sessenta do século XX”, época na qual o narrador vive sua infância e adolescência e onde se passa a maior parte da história. Há, assim, um clima de decadentismo na narrativa de *Dois irmãos*. Nael, por si só, é uma figura melancólica e decadente, um homem que viveu sua vida toda às espreitas, sem tomar atitudes, sem realizar seus sonhos – apesar dos incentivos de Yaqub, foi incapaz de ir morar e estudar em São Paulo, como queria. Privado de sua própria origem, sem saber quem é seu pai, relegado à condição de eterno bastardo, Nael é um acomodado, um desacreditado – e é com esses olhos, os olhos de quem não espera grande coisa do mundo, de quem sequer acredita no progresso e na mudança, que ele narra a história de sua família e de sua cidade.

O que não podemos deixar de aludir também é a constante dicotomia norte e sul existente no romance de Hatoum. O norte, obviamente, é Manaus. O sul, no caso, é São Paulo. Yaqub, o gêmeo que passara parte da infância no Líbano, ao contrário do irmão Omar, que é retratado como um incurável malandro e boêmio, parte para estudar engenharia em São Paulo, após a conclusão do ensino médio, em 1949. É ele quem envia cartas à mãe, contando sobre sua vida na capital paulista:

Com poucas palavras, Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana. A solidão e o frio não o incomodavam; comentava os estudos, a perturbação da metrópole, a seriedade e a devoção das pessoas ao trabalho. De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca mais a mencionou. (HATOUM, 2006, p. 44) .

Yaqub é quem melhor representa a dicotomia norte e sul presente no romance. O próprio narrador não deixa de aludir que a verdadeira modernidade estaria em São Paulo, muito distante da região amazônica: “As cartas rareavam e as notícias de São Paulo pareciam sinais de outro mundo” (HATOUM, 2006, p. 45). Em contraste com a vida cosmopolita e moderna de São Paulo, narrada por Yaqub, Nael, frequentemente, faz alusão à vida provinciana e pobre da Manaus dos anos cinquenta e sessenta:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando, feito a cachorrada esqualida que rondava os pilares das palafitas. (HATOUM, 2006, p. 59-60).

Para além de São Paulo, que durante muito tempo foi, e talvez ainda seja, a “cidade símbolo” da modernidade brasileira, o narrador de *Dois irmãos* não deixa de aludir à construção de Brasília, na década de 1960, e aos impactos sofridos pelos habitantes do norte do país nessa época, como os constantes blecautes, que aconteciam devido ao excesso de uso de energia na região centro-sul do país.

(...) A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso. (HATOUM, 2006, p. 96).

Outro momento derradeiro no romance no que diz respeito à representação das mudanças sociais, políticas e espaciais de Manaus é a destruição da chamada “cidade flutuante”. Na beira do Negro, próximo ao porto construído pelos ingleses durante o ciclo da borracha, vivia um grande número de pessoas pobres, como já dissemos, que

habitavam palafitas, casas rústicas e pobres, erguidas sobre as águas do rio. Durante a ditadura militar, nos finais da década de 1960, essas casas foram demolidas pelos militares, obrigando a população a viver longe do porto e do centro da cidade. Além das palafitas, muitos bares, restaurantes e outros edifícios que compunham a vida portuária e boêmia de Manaus foram destruídos. Santos (2010) compara o extermínio da cidade flutuante ao que o prefeito Pereira Passos fez no Rio de Janeiro, em 1899, quando inúmeros cortiços foram destruídos, obrigando a população pobre da cidade a migrar para os morros, formando aquelas que viriam a ser conhecidas como “favelas”.

Halim é a personagem do romance que mais sofre com a “reforma urbana” promovida pela ditadura militar em Manaus. Na verdade, a destruição da cidade flutuante foi também a sua destruição – ele morre no Natal de 1968. Halim não pôde resistir, na medida em que desde a sua chegada em Manaus, por volta de 1914, acostumou-se ao tumulto da vida portuária, aos botecos da cidade flutuante, onde bebia, jogava, conversava com amigos e se esquecia das mágoas e dos problemas familiares.

Assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas sendo derrubadas. (HATOUM, 2006, p. 159).

A morte de Halim é também a morte da Manaus que ele conhecera. Yaqub, que visita a cidade pouco antes da morte do pai, parece concordar com a reforma promovida pelos militares. Ele sequer se coloca a pensar que, tal como se fez no Rio de Janeiro em 1899, o objetivo dessa “reforma urbana”, dessa remodelação, era o simples embelezamento da cidade, ou melhor, poderíamos dizer que se tratava de uma higienização, já que as pessoas pobres eram simplesmente expulsas de suas casas, sem haver qualquer preocupação com o seu bem-estar e suas condições de vida. Esquecido de tudo isso, com sua mente calculista, Yaqub, em determinado momento, diz a Halim: “Manaus está pronta para crescer” (HATOUM, 2006, p. 147).

A modernização de Manaus, ou melhor, a morte da “cidade flutuante” e o nascimento da Manaus atual, sem as palafitas e com a população mais pobre afastada da zona portuária do centro, é também representada no romance a partir do projeto de construção de um hotel, proposto pelo indiano Rochiram, amigo de Omar. Assim, decidida em tentar reconciliar os gêmeos, Zana convence o indiano a deixar Yaqub, que era engenheiro, ajudá-lo na construção do hotel. Omar, que também estava envolvido no projeto, fica furioso ao descobrir o plano da mãe. Resumidamente, cabe-nos dizer que o plano de Zana não dá certo e que ela morre sem ver os dois filhos reconciliados.

Conforme salienta Borges (2010), o indiano Rochiram e a construção de seu hotel simbolizam uma forma de capitalismo perverso, que, sem se preocupar com questões sociais e com a qualidade de vida das pessoas, acaba por expulsar os moradores de zonas mais pobres das cidades para regiões ainda mais distantes e periféricas. Essa remodelação da cidade feita na década de 1960 fez surgir o que hoje conhecemos como Zona Franca de Manaus, um dos maiores polos industriais do Brasil, que, desde a sua criação, revelou a intenção do governo em industrializar e modernizar o norte do país. Novamente, enfatizamos: o que vemos no romance *Dois irmãos* é a morte da antiga Manaus, a “cidade flutuante”, onde os resquícios da *belle époque* eram mais evidentes e a vida das pessoas era mais simples e provinciana – a modernidade parecia distante, e as indústrias, os automóveis, as estradas asfaltadas, etc. eram coisas de São Paulo.

*

Nesta última parte, gostaríamos de resgatar a imagem que já “pintamos” do narrador Nael: um homem melancólico, desacreditado da vida e do mundo, um eterno agregado, cuja única herança é a memória daquilo que viveu e daquilo que viu os outros viverem, alguém que parece não acreditar que a modernidade chegou a Manaus, ou, se chegou, parece acreditar que essa causou a devastação de grande parte da antiga memória cultural da cidade.

Conforme nos sugere Ribeiro (2004), se atentarmos nossos olhos para o narrador de *Dois irmãos*, Nael, facilmente reconheceremos uma sombra por trás de si: “Aí vindes outra vez, inquietas sombras?”, diz Bento Santiago, narrador de *Dom Casmurro*, citando “Fausto”, quando decide reconstruir sua história, após sugestão dos bustos pintados nas paredes de sua escura e solitária casa, localizada no bairro do Engenho Novo. Sim, Nael, em certa medida, é também um narrador *casmurro* que regressa ao passado, “a fim de atar as duas pontas da vida” (ASSIS, 1981, p. 6).

No entanto, se lembrarmos bem, antes de mergulhar no passado e ir ao encontro de sua “primeira amada do coração”, Capitu, Bentinho confessa-nos que cogitou a hipótese de escrever uma “história dos subúrbios”:

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma “História dos subúrbios”, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves do Santos, relativa à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. (ASSIS, 1981, p. 7)

Pois bem, tão melancólico e desacreditado quanto o narrador de Machado de Assis, embora muito menos presunçoso e melindroso, para além de nos contar a sua história familiar, como o faz Bentinho, Nael conta-nos também uma “história dos subúrbios” – a história de sua cidade, Manaus, que desde a *belle époque* passou por muitas mudanças, como discutimos anteriormente.

Gostaríamos, ainda, de aproximar a figura do narrador Nael daquela que um dia o poeta Charles Baudelaire “pintou” tão bem em muitos de seus poemas, o “*flâneur*”. Nael não chega a ser um *flâneur*, um homem que devora e se compraz com as multidões, com a vida urbana e seus detalhes, mas acreditamos que podemos enxergá-lo como uma “testemunha” – testemunha de um longo e drástico processo de mudança na vida e na paisagem da cidade em que nasceu. “A rua conduz o flandador a um tempo desaparecido”, diz W. Benjamin, num de seus ensaios mais célebres, intitulado “O Flâneur”. Talvez, ao caminhar pelas ruas de Manaus, seja com isso que o narrador de

Dois irmãos se depara: com o passado. Nael é um guardador de memórias, de histórias, e é por isso que escreve – Tal como acontece com Bentinho, escrever é a única coisa que lhe resta.

Desse modo, também não poderíamos dizer que, para além de uma testemunha de um tempo de mudança, Nael é uma testemunha da modernidade, da modernidade que chegou até a sua cidade, e que bateu à sua porta? Resta-nos, por fim, pensar a respeito das consequências dessa modernização, do preço que ela sempre nos obriga a pagar.

Referências

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BORGES, K. A. **Dois irmãos de Milton Hatoum**: um olhar que vem do norte. 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, M. A. Os novos filhos da dor – oriente e origem em Milton Hatoum. **Biblos** - Revista da Faculdade de Letras, n.º 2 , II série, Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra, 2004, p. 409-426.

SANTOS, K. A. B. A Manaus devastada em *Dois irmãos* de Milton Hatoum. **Literatura e Autoritarismo**. Santa Maria, 2010, p. 73-86. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie08/RevLitAut_art06.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.